



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

THAÍS MARA GONÇALVES SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA
- 1921 A 1925 -**

**GUARABIRA-PB
2018**

THAÍS MARA GONÇALVES SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA
1921 A 1925.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: História do Brasil

Orientadora: Profa. Me. Naiara Ferraz
Bandeira Alves

**GUARABIRA-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Thais Mara Gonçalves.
Representações sobre o casamento na Revista Era Nova 1921 a 1925 [manuscrito] / Thais Mara Goncalves Santos. - 2018.
21 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves, Coordenação do Curso de História - CH."
1. Revista Era Nova. 2. Mulher. 3. Casamento. I. Título
21. ed. CDD 306.81

THAÍS MARA GONÇALVES SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA
1920 A 1925.**

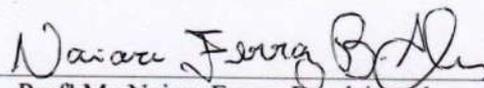
Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Área de concentração: História do Brasil

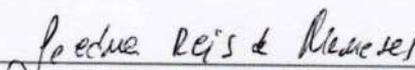
Orientadora: Profa. Me. Naiara Ferraz
Bandeira Alves

Aprovada em: 30/11/2018

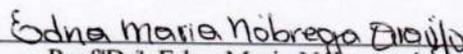
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Me. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a.Dr^a. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a.Dr^a. Edna Maria Nobrega de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado e ter me sustentado em pé, para que não desistisse da graduação.

À minha família, que é minha base que sempre me incentivou a ter um curso e estendeu a mão nas noites de cansaço, sempre me davam força para que eu continuasse minha caminhada. Em especial, ao meu pai Ademário, minha mãe Edileuza e principalmente a minha prima Marianna, que sempre me estendeu a mão e lutou comigo para que fosse possível enfrentar todas as dificuldades.

Ao meu namorado José, que apesar da distância sempre esteve ao meu lado incentivando e me dando conselhos para que eu não desistisse e sempre me dando autoestima para que fosse possível a conclusão desse curso.

A todos os professores do Curso de História, pelo qual tive o prazer de conviver por todos os ensinamentos e pela paciência ao qual tiveram comigo, alguns levarei para sempre como professores e amigos, em especial Marisa Tayra (*in memoriam*). Agradeço, também, em especial a minha orientadora Naiara, por não desistir de mim e acreditar no meu potencial.

Aos meus colegas de turma, que foi a melhor, em especial aos amigos que levarei da UEPB para vida: Alane, Robson, Wellington, Rhaylan e Everton. Em especial a Djanira, que me fez acreditar que sou capaz e me ajudou para realização do trabalho.

Aos meus colegas do ônibus que sempre me davam motivos de alegria na volta cansativa para casa. Agradeço pelos momentos vividos e por ter enfrentado muitas dificuldades e perigos, mas sempre unidos.

Muito obrigada a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha vida curricular.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2.METODOLOGIA	09
3. A MULHER NOS ANOS DE 1921 A 1925 – UM BREVE CONTEXTO	11
4.REPRESENTAÇÕES DO CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6.REFERENCIAS	21

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA 1920 A 1925.

Thaís Mara Gonçalves Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem, por finalidade, apresentar, o casamento (suas representações e imagens) através da Revista Era Nova (1921-1925), texto tem como objetivo como eram feitos os contratos de casamento e noivados que anunciados em notas sociais e elegantes à época, apareciam entre as páginas e as manchetes da revista como grandes acontecimentos de destaque. No texto buscamos, ainda, analisar a mudança que a mulher teve nesta mesma revista, saindo das capas de revista para assuntos mais diferenciados, que veremos ao decorrer do texto. Para a abordagem do tema foi selecionado além da revista como fonte principal e algumas autoras como Michelle Perrot (2007) e Mary Del Priore (2004), que tratou de assuntos relacionados ao papel da mulher no casamento e na sociedade.

Palavras-Chave: Revista Era Nova; Mulher; Casamento.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to present the marriage (its representations and images) through the Revista Era Nova (1921-1925), the purpose of which is how the marriage and betrothal contracts that were announced in social and elegant notes to the period, appeared between the pages and the headlines of the magazine as major events of prominence. In the text we also seek to analyze the change that the woman had in this same magazine, leaving the covers of magazine for more differentiated subjects, which we will see throughout the text. In order to approach the topic, it was selected in addition to the magazine as the main source and some authors such as Michelle Perrot (2007) and Mary Del Priore (2004), who dealt with issues related to the role of women in marriage and society.

KEYWORD: Revista Era Nova; Woman; Marriage.

1. INTRODUÇÃO

Fundada com ideais consideradas inovadoras para a época a revista Era Nova surge, com a intenção de promover ideias e textos diversos de pessoas letradas da alta sociedade paraibana dos anos 20 do século XX. Uma revista

¹ Aluna da Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III
E-mail: thaismara.santos@hotmail.com

quinzenal ilustrada (o que já pode ser considerado um grande diferencial) suas páginas apresentavam notícias de toda a Parahyba do Norte. Chegando às casas dos grandes salões, a roda de conversas doméstica, a revista trazia dicas de comportamento tanto para público feminino, como masculino.

Trazendo em suas páginas um modelo vívido de sociedade moderna para a época, onde o público alvo eram as jovens e mulheres da sociedade, estas eram destacadas nas capas (espaço disputados entre as famílias abastadas) imagens de mulheres, que eram padrões de ideias de beleza e comportamento.

Segundo Luna (2012), A Revista Era Nova, surge na cidade de Bananeiras, como projeto de Severino Lucena, um homem letrado, literato e de posses, mas ao ser bem aceita entre as classes mais abastadas da cidade da Parahyba do Norte, suas capas ilustradas por fotografias, além de outras ilustrações presentes no interior deste periódico ressaltam suas características modernas, que compõe com o processo de desenvolvimento e modernização do Brasil e da Paraíba nos anos 20 do século XX. Nasceu, portanto, de despretensiosos intelectuais tanto locais quanto de estados vizinhos, que visavam o desenvolvimento literário de nosso meio, através de uma publicação que interessasse a todas as classes, informando sobre arte, indústria e comércio, do burguês ao letrado, incentivando o amor pelos jogos desportivos.

A revista continha o grande número de colaboradores em sua maioria homens, que ditavam ideias e conceitos em seus artigos; dentre eles colaboradores de nome e sobrenomes com prestígio na sociedade paraibana: a família Machado, Lucena e Bezerra. Traziam em seu sumário: trovas, discursos, versos, opiniões sobre diversos pontos sociais. Uma revista, com grande quantidade de arte e cultura, que chegava para agregar valores na cidade de Bananeiras e toda Parahyba do Norte.

Como a ideia sugerida em seu título, o periódico quinzenal tornou-se à época ícone do moderno para um público de classe média urbana, inclusive pelo seu aspecto gráfico: impressa em papel couché, exibia então uma aparência primorosa, sendo ilustrada com muitas imagens – prevalecendo os retratos de pessoas – e, por vezes, utilizando cores e fontes diversas no texto, além de grafismos e delicados desenhos que ornaram as páginas, e tons de sépia em várias fotografias. (ABRANTES, 2011, p.4).

Uma das questões presentes em seus artigos de opiniões era o casamento, não apenas como mera formalidade, ato que em muitos casos representava os interesses políticos e econômicas da elite paraibana, já que muitos dos casamentos

eram realizados a partir de acordos entre as famílias abastadas, em especial, no caso das lideranças políticas.

Neste trabalho pretendemos discutir as relações de casamento da Revista Era Nova, o espaço da mulher na sociedade, e suas interações entre o público e o particular. Utilizaremos como análises teóricas para encorpar e abrir os horizontes os trabalhos de Michele Pirrot que fala da mulher esquecida na sociedade, Elpidio de Almeida mostra exames pré nupcial , Marna Maluf e Maria Lucia Mott que aborda sobre as mulheres pobres e também o papel exercido a mulher pela Igreja, Fabiana Teixeira Pithon sobre o casamento religioso , Antine Prost Gérard Vicente e Francisco Rudiger que o amor deviria ser segredo entre os cônjuges e Del Priore as mudanças que ocorrem no comportamento feminino.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada através do objeto de estudo “Revista Era Nova” (1921 à 1925), que em sua abordagem trata de diversos temas, incluindo o casamento e temas femininos, levando a modernidade para interior da Parahyba do Norte, Bananeiras.

Numa pesquisa que analisa as representações de casamento dos anos de 1920 à 1925, a análise tem grande importância, pois identificou questões sociais envolvidas na união de famílias na cidade de Bananeiras e no Estado da Parahyba do Norte.

De acordo com Pinsky (2005, p.111), na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. Isso acontecia, por diversos fatores, entre eles, o peso do tradicionalismo que vinha forte desde o século XIX; fazendo com que as informações fossem apresentadas de forma sucinta.

Para conceber a pesquisa foi necessária a leitura da Revista Era Nova e de diversos outros autores que retratassem a realidade da época, ou seja, a pesquisa foi toda embasada em referências bibliográficas (fontes impressas) a respeito da temática abordada no trabalho.

Buscando fazer um relato de como era o mundo feminino na década de 20 em relação a questões específicas como o casamento e as dificuldades encontradas e muitas superadas, o trabalho busca mostrar que mesmo diante das dificuldades

encontradas pelas mulheres desta década, a força e o “poder” feminino já tinha espaço, mesmo que escasso dentro de tal realidade.

Os dados colhidos na principal fonte de pesquisa Revista Era Nova, estão citados e relacionados na tabela abaixo.

Casamentos na Revista “Era Nova” 1921-1925	
Quantas Revistas?	75
Artigos sobre o tema:	1
Quantas vezes aparece a palavra casamento?	36
Assuntos relacionados ao casamento/ convivência	1
Comportamento feminino	27

Tabela elaborada pela autora

De acordo com a tabela acima, podemos compreender que a principal fonte de pesquisa embasou a maior parte do trabalho pois através da mesma conseguimos dados diversificados que contribuíram para a elaboração do mesmo.

Esta tabela também serviu de base para que pudéssemos observar com maior exatidão detalhes apresentados nas fontes impressas, que se relacionavam a mulher como um todo e em especial no casamento.

Foi visto dentro dessa análise quem em menos de uma centena de revistas as ideias voltadas para temática abordada são mínimas, pois a mesma só apresenta 1 artigo direcionado para o tema, mas também levamos em consideração outros artigos que dentro da revista pudessem se encaixar no tema.

O trabalho busca enfatizar a realidade em que a mulher se encontrava naquela década, onde a mesma se colocava em uma situação imposta pela sociedade por muito tempo “invisíveis” e de sexo frágil, criada apenas para atender a necessidade do marido e afazeres domésticos.

Ao realizar a pesquisa foi visto que na maioria dos casos, as moças que tinham boas condições financeiras, tinham uma vida voltada exclusivamente para um futuro casamento. Já as mulheres de classes mais baixas, além dos afazeres domésticos, buscavam emprego muitas vezes para sustentar toda sua família, as quais na maioria das vezes eram criticadas pela sociedade.

E por fim, podemos concluir que A Revista Era Nova auxilia na pesquisa e na compreensão do processo de liberdade do comportamento feminino na década

de 1920, pois a mesma relata o processo social vivido pelas mulheres de modo que podemos entender como tal fato foi fundamental para as mudanças existentes na sociedade voltadas para a realidade feminina.

3. A MULHER NOS ANOS DE 1921 A 1925 – UM BREVE CONTEXTO

No Brasil, em especial, durante o seu processo de formação, entre os séculos XVI e XIX, a maior parte das mulheres abastadas encontrava-se escondida nas residências, servindo em muitos casos de moeda de troca para as relações políticas e comerciais da época. Poucas eram vistas no meio público, estavam destinadas aos espaços reservados, suas casas em geral na presença de familiares.

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vista no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. (PERROT,2007 , p. 16,17.)

Como se a mulher para ter valor e servir aos propósitos das negociatas deve ser algo escondido e misterioso, estas mulheres, quanto mais recatadas mais valor adquiriam na sociedade. Com o caminhar do século XIX as mulheres se tornam mais presentes nas rodas sociais e a forma de interagir e se destacar perante a sociedade sofre mudanças de extremamente perceptíveis ao se fazerem presentes nos saraus e bailes, como forma de serem vistas e desejadas pelos jovens. Contudo as suas falas, ainda, eram suprimidas cabendo, assim, a neutralidade das opiniões da mulher no âmbito público e doméstico, nunca em meio social, embora mais tarde décadas à frente com a revolução feminista a neutralidade passa a ser uma opinião em seu meio social.

No século XX, as mulheres de classes altas eram sustentadas e, na maioria dos casos, obedeciam aos maridos, ele era o provedor financeiro das casas. Já as mulheres pobres, na maioria das vezes sustentavam o lar, pois marido por vezes ter um salário baixo, sem sustento para a família, elas procuravam emprego para que pudessem manter a família. A mulher pobre deveria ser admirada por tamanha garra e dedicação, porém eram mal vistas pela sociedade. Essas mulheres trabalhavam em casas de famílias, engomadeira, lavadeiras, quituteiras, prostitutas entre outras atividades.

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vive entre a cruz e a espada. O salário mingado

e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o peso da “mulher pública”. (MALUF-MOTT, 1998, p. 368).

As mulheres presentes nos espaços públicos, em especial, as que se sustentavam eram mal vistas pela sociedade, pois andavam desacompanhadas pelas ruas, do pai, irmão ou marido e se aventuravam em busca de empregos para que pudessem ter sustento.

Os anos 20 do século XX, conhecido com “os loucos anos 20²”, foi marcado pela Mudança e a modernidade da época, que tinha como influência a Europa, a Guerra Mundial interfere nessa mudança, um deles foi o comportamento, na maioria dos casos entre moças de boas famílias, o que deixavam incomodados os conservadores da época, nesse mesmo período começam a ter uma certa liberdade de frequentar lugares públicos desacompanhadas.

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três décadas deste século, incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença de moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventurava pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário (PRIORE, 1997, p. 516).

Com a surpresa para os conservadores, essa prática de que lhe é tomada em sair desacompanhadas durante essas três décadas que envolvem os anos de 1920, não começou imediatamente, foram adquirindo aos poucos seus espaços na sociedade, que na maioria eram mulheres de classes médias e altas, pois a mudança chegava para elas, enquanto no meio da sociedade as mulheres públicas já exerciam esse comportamento, admirável e escandaloso para época.

O papel da mulher, no imaginário social da época, era de que a única obrigação da mulher era de desempenhar o papel ideal de mãe, esposa, dona de

²Nos anos 20, a mulher assumiu uma atitude moderna e na maioria das vezes causou espanto com suas atitudes consideradas avançadas para o seu tempo. Há uma quebra da hierarquia do público-privado, e a mulher começa a ser vista passeando sozinha pelas ruas dos grandes centros. O habitual era o homem sair de casa, enquanto a mulher se dedicava às tarefas domésticas. Com a mulher tornando-se “moderna”, essa hierarquia “habitual” é invertida. As mulheres passam a frequentar espaços públicos, sai para ir às compras, para tomar chá e refrescos, para ir à praia e para dançar em clubes noturnos. Esta inversão causa um descontentamento por parte dos homens, que desejam que a mulher retorne ao lar e continue com as tarefas domésticas. Existe também um receio que as mulheres ocupem os lugares dos homens na sociedade, e assim, a igualdade dos sexos passa a ser discutida como nunca antes visto. Disponível em: <http://conhecerahistoria12.blogspot.com/2011/11/o-inicio-e-o-fim-dos-loucos-anos-20.html>

casa, gerar filhos e educa-los como cidadãos do amanhã. Esse papel era ratificado pela Igreja Católica, pelo Estado e pela imprensa, esta por sua vez ilustrava os comportamentos femininos considerados ideais para a sociedade.

A imagem mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia aquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. (MALUF-MOTT,1998, p. 374).

Para isso a mulher desde criança é ensinada qual é a sua função nos afazeres domésticos e como cuidar da família, como a imprensa registrava em suas páginas de periódicos, além de manuais que indicavam a forma elegante de ser mulher, com boas maneiras ao se comportar diante da sociedade. Para que desenvolvesse esse papel ideal, do dever feminino.

Além do comportamento social, a moda foi bastante diferenciada nesta época, símbolo de feminilidade os cabelos longos nas mulheres, “a frente do seu tempo”, trazem inovações, tanto no vestir, como em cortes de cabelos.

O Corte dos cabelos, nesse momento brilhante aos “Anos Loucos”, significa nova mulher, nova feminilidade (PERROT, 2007 , p. 61).

O cabelo veio como uma forma de liberdade, assim a mulher tem o direito de fazer como ela quiser não como a sociedade exigia, agora não “obedeciam” o tradicionalismo. Na Maioria dos casos, eis que aparece essa nova mulher, dona de si, que começa a ser visível a sociedade. Uma das grandes referências da época e deste novo comportamento na Paraíba seria Anayde Beiriz³, que era uma das leitoras da revista Era Nova, tendo destaque em uma das edições como uma grande mulher paraibana.

Muito inteligente, Anayde diplomou-se com apenas 17 anos, sendo a primeira da turma. Anayde conseguiu um emprego como professora em cabedelo, numa comunidade de pescadores analfabetos. Além ser uma mulher inteligente, era uma mulher, bonita, livre e ousada. Era admirada e ao mesmo tempo criticada por uma sociedade tradicional.

³ Anayde Beiriz, nascida em 1905, é referenciada na imprensa dos anos vinte, na Paraíba, como sendo uma notável aluna da escola Normal, onde se formou aos 17 anos. Muitas vezes citada pela sua produção como escritora e pela sua beleza, agita com sua presença os saraus na Parahyba do Norte e ganha notoriedade ainda maior quando passa a namorar João Dantas, advogado e crítico acirrado da conduta política do então presidente de estado, João Pessoa, tendo o assassinado em Recife (PE) – o que foi considerado o estopim para a Revolução de 1930. Após a morte de Dantas, na cadeia, divulgada oficialmente como suicídio, Anayde se matou, em outubro de 1930. (ABRANTES, 2008, p. 207).

A mulher a princípio, excluída da história e dos espaços públicos, essa sociedade de comportamento machista passou a aceitar a presença das moças nas escolas. Mas, essa mulher de classes mais altas, começam a partir de 1920, frequentar a lugares públicos desacompanhadas, mudar seu corte de cabelos e mudanças de algumas roupas, estavam agora vistas pela sociedade, não tão valorizada, mas já abrindo seu caminho para grandes historias.

4.REPRESENTAÇÕES DO CASAMENTO NA REVISTA ERA NOVA

Na Revista Era Nova as mulheres, também, começam a ter seu espaço em matérias publicadas, que na maioria das vezes apareciam apenas nas capas e nos concursos de beleza , mas também em ousar dos artigos como carta de mulher. Em uma das entrevistas que mostra o quanto essa mulher se desenvolveu e buscou quebrar as tradições traçadas pelo tempo.

Outro artigo que chama atenção também na Revista é como a mulher começa cada vez ganhar seu espaço, como fala da senhorita Anesia Pinheiro Machado, fala sobre sua coragem ao fazer aviação e ganha destaque na página da Revista.

Figura 1 – Aviadora



Fonte: Revista Era Nova Julho de 1921

Anésia Pinheiro Machado, com apenas 17 anos foi uma das pioneiras da aviação brasileira, como destaca a revista, na nota falava que a senhorita faria um voo entre Recife e Salvador, mostrando coragem e determinação , para o ano de

1921. Essa atuação mostrou como a mulher vinha conquistando seu espaço na sociedade.

Em uma de suas notas sociais, a revista nova era de 27 de março de 1921, trazia em suas páginas o Enlace Leite-Lucena que juntava essas duas famílias, sendo a noiva: Virginia de Lucena, filha do excelentíssimo Sólon de Lucena presidente da Parahyba (1920 a 1924) e como noivo Waldemar Vianna Leite, fazendo assim uma das maiores junções políticas da época. O recorte da nota social trazia os nomes dos convidados e do juiz que lavravam o matrimônio.

Quando o casamento era de grandes nomes políticos a nota era de meia página a uma página inteira, já outros casamentos levavam apenas uma nota de rodapé. Em uma das suas primeiras edições já contava em suas notas de casamentos, a necessidade do exame pré-nupcial, devendo salientar o medo para o contágio de tuberculose e sífilis que era visto como terror para a época.

No decorrer do texto sobre a necessidade do exame pré-nupcial, nota-se o medo de gerarem crianças degeneradas e inúteis, sendo assim este exame passa a ser uma arma poderosa para o aperfeiçoamento moral e psíquico da raça humana.

Figura 2 – Exame Pre-nupcial



Fonte: Revista Era Nova Maio de 1921

Chegada a era burguesa, tornou-se, para mulher das classes abastadas a principal forma de sustentação financeira e, para o homem, a construção de status onde deixaria seu legado para gerações futuras. Em geral, “o amor entre os cônjuges devia ser considerado um segredo, de tal forma contrariava o código de civilidade” (PROST e VINCENT, 1992, p. 293; RÜDIGER, 2012).

Em alguns casos através do matrimônio, o homem poderia exercer o seu poder patriarcal e a mulher torna-se nesse contexto, uma coadjuvante, pois todas as decisões eram todas pelo homem, cabendo-lhe apenas os fazeres domésticos e cuidar dos filhos. Algumas exceções aconteceram quando mulheres se tornaram chefes de famílias, em geral devido ao falecimento do pai (no caso de não haver irmãos mais velhos) ou do marido (forma mais comum).

Segundo Poeschl, Silva, e Cardoso, (2015), em meados do Século XX, em face de diversificação na escolha dos estilos de vida, vários autores interrogaram-se sobre os motivos que ainda levam as pessoas a querer casar. Nos inquéritos realizados na altura, as razões evocadas foram principalmente de quatro tipos (Bawin-Legros, 1998):

- (a) social – responder a pressão social ou da família, obter estatuto social, corresponder a convicções morais ou religiosas;
- (b) emocional – favorecer um melhor relacionamento, assegurar a estabilidade do casal, ser a consequência normal de amar alguém;
- (c) econômico-pragmático – facilitar a vida quotidiana, ou
- (d) familiar – ter filhos ou ter filhos legítimos.

Nessa concepção, a conjugalidade é constituída por um sistema com funcionamento autónomo, sujeito a conflitos ou crises que remetem à dinâmica inconsciente compartilhada. A vinculação na díade é importante para a intimidade e para o investimento na relação amorosa, o que está associado à satisfação conjugal (SCORSOLINI-COMIN, 2015, p. 482).

Continuando este percurso histórico, até 1890, no Brasil, a cerimônia religiosa católica era o que valia em termos legais. A lei de 11/9/1861 passa a permitir que haja o casamento não-católico, mas que deveria seguir as prescrições de outra religião dissidente, ainda limitando o mesmo a um ritual religioso. Assim, os casamentos à época do Império eram indissolúveis, tendo como principal fim a procriação, fundação e manutenção da família e era baseado na desigualdade entre os cônjuges, em que o marido era o chefe da sociedade conjugal e a mulher era considerada relativamente incapaz, tendo seus direitos deslocados para o marido e necessitando do consentimento do mesmo para uma série de atos. (PITHON, 2010).

A cerimônia religiosa do casamento é um dos antigos ritos de passagem remanescentes na sociedade contemporânea, apesar do crescente número de uniões livres, em que o vínculo conjugal se forma sem a intervenção da Igreja ou do Estado. Este ritual parece sobreviver na atualidade e envolver psicologicamente os

noivos e suas famílias de origem, marcando uma transição individual, familiar e social (PITHON, 2010).

No mundo ocidental, a despeito do número crescente de uniões livres ou de registro apenas civil, e do apelo comercial constatado pela imensa rede de serviços ligados ao casamento religioso, pode-se detectar a valorização da cerimônia por certa parcela da população (PITHON, 2010).

No Código Civil 1916 Lei nº 3.071 de 01 de Janeiro de 1916, no **Art. 258**. Não havendo convenção, ou sendo nula, vigorará, quanto aos bens entre os cônjuges, o regime de comunhão parcial (Redação dada pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977).

Parágrafo único. É, porém, obrigatório o da separação de bens do casamento:

I - Das pessoas que o celebrarem com infração do estatuído no art. 183, XI a XVI (art. 216);

II - do maior de 60 (sessenta) e da maior de 50 (cinquenta) anos;

III - do órfão de pai e mãe, ou do menor, nos termos dos arts. 394 e 395, embora case, no termos do art. 183, XI, com o consentimento do tutor; (Redação dada pelo Decreto do Poder Legislativo nº 3.725, de 15.1.1919);

IV - de todos os que dependerem, para casar, de autorização judicial (arts. 183, XI, 384, III, 426, I, e 453). (Redação dada pelo Decreto do Poder Legislativo nº 3.725, de 15.1.1919).

O código civil tem como objetivo decretar perante a Lei o casamento e algumas de suas obrigações que tornam válidos no Brasil.

Buscaremos na Revista, um apanhado sobre o casamento nos anos 20. O casamento é a união entre um homem e uma mulher, atualmente, esse conceito tem mudado e já ocorrem uniões entre pessoas do mesmo sexo. Essa união é reconhecida através de uma autoridade ou cerimônia religiosa, o casamento é tão antigo e ocorre em todas as sociedades.

O casamento também era uma questão de saúde, para Almeida (1921), é preciso convencer os pais, dizendo todos os dias que não devem assentir no casamento de suas filhas sem que o pretendente exiba um atestado médico, assegurando não sofrer de moléstia contagiosa, ou nociva para os descendentes, “Desse cuidado adviria grande bem, não só para os cônjuges, como também para a posteridade” (ALMEIDA, p.9, 1921).

Assim, os pais também deveriam conhecer a saúde do seu futuro genro para que a filha e seus descendentes pudessem ser saudáveis e procriassem sem maiores intercorrências. “Desse cuidado adviria grande bem, não só para os cônjuges, como também para a posteridade”. (Almeira, 1921, p. 9).

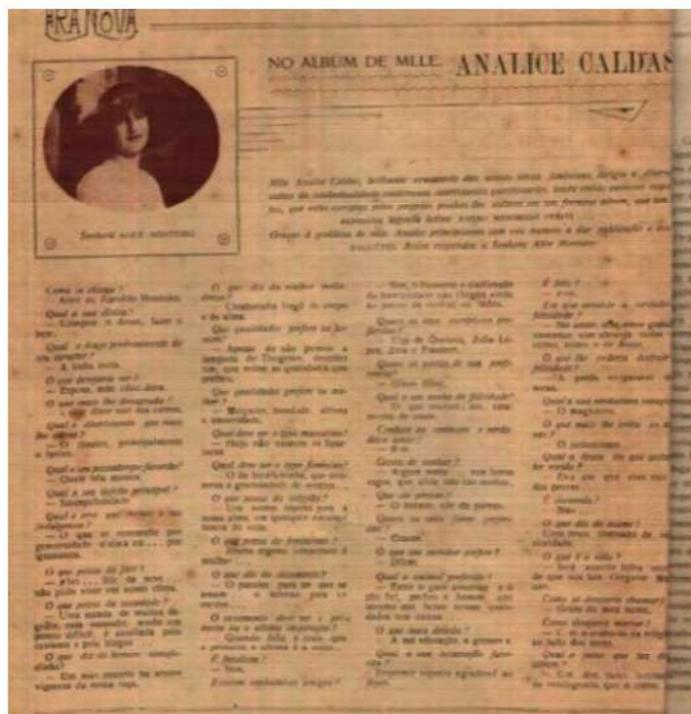
Nesse contexto, em que se levava em conta a saúde, era necessário o exame pré-nupcial, como indispensável à efetuação do matrimônio, e tendo concorrido, poderosamente, para o aperfeiçoamento moral e físico de nossa raça.

Assim percebe-se que o casamento nessa época já era um acontecimento que envolve a todos da família, inclusive com quem a mulher deveria se casar, para a sociedade o mesmo só deveria ser realizado quando a saúde e os bens materiais eram analisados. Assim, quanto maior o nível de bem-estar da pessoa casada, maior a sua satisfação com o seu casamento. Quanto menor o seu bem-estar, ou seja, quanto mais experimenta sentimentos como desconsolo, tristeza, desamparo e depressão, pior é a avaliação que faz do seu casamento, tanto em relação à atração física e sexual do parceiro, quanto da afinidade do casal e de seus interesses em comum (SCORSOLINI-COMIN, 2015, p. 487).

O casamento nas primeiras edições era divulgado apenas em Notas Sociais, que com o passar do tempo é noticiado pelas Notas Elegantes. Que trazem notas de grandes influencia políticas na Parahyba do Norte. Essas notas sociais e Elegantes trazem nome dos noivos, pais, convidados e o local onde aconteceria o matrimônio. Além do casamento, também são divulgados os esponsais, que tratavam dos contratos de casamentos.

Na primeira entrevista de Analice Caldas, que tinha como título: No álbum de Mille , foi entrevistada a senhora Alice Monteiro, que em uma de suas perguntas tratava do casamento: “- O casamento deve ser prioridade ou última inspiração? E ela respondeu: - Quando feliz é mais que a primeira e última é a única. Mostra o quanto se sentia satisfeita e feliz com o seu casamento” (Revista Era Nova, 1923, Nº 53, P17).

Figura 2 – Entrevista



Fonte: Revista Era Nova 1923, Nº 53

Nesta entrevista, mostra a importância de se falar sobre o casamento, pois a própria entrevistadora coloca a prioridade na pergunta, Mostrando uma das características da época, que era casar e ser mãe e ter total admiração ao ser esposo. Quando se fala do homem, se desvia as respostas e foge do assunto, ao contrário de quando se falar da mulher a respostas bem sucedidas, automaticamente ela fala de como deve ser, exercer seus sonhos (ou era ser mãe dona de casa ou professora), que na época era proporcionado a maioria das mulheres de classes médias e altas.

A Revista Era Nova, foi um grande meio de observar as tradições e modificações que foram acontecendo durante esse período de 1920 à 1925. Nela notamos o quanto a beleza feminina era destacada, pois, na maioria das revistas mulheres foram expostas nas capas, sendo vista apenas com símbolo de beleza como aconteceu nos primeiros anos de edições. Com o decorrer dos anos o espaço

e as mudanças ocorreram, além de saírem na maioria dessas capas, elas também ganham seu espaço na revista, como Escritoras, entrevistadoras e leitoras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos o quanto o casamento foi importante nos de 1920 a 1925. Pois através do tema casamento percebemos que surgiram outros temas correlacionados, assuntos de destaque na sociedade brasileira, a modernização da sociedade e de seus espaços, chegou aos casamentos e a forma como ele deveria ser planejado e realizado, em especial no que tange às escolhas entre noivos e noivas. O Casamento e a sua relação com a sociedade passou por mudanças, assim, como a própria legislação que o conduzia, a partir do momento que Estado e a Igreja se separaram (final do século XIX) e existia a possibilidade de um casamento civil este é tratado de forma diferenciada pela sociedade brasileira.

As mudanças que acompanharam o ato de casar estavam diretamente relacionadas às mudanças e a modernização dos anos 20 do século XX, mudanças estas, que aconteceram tanto nas ruas e espaços públicos, mas, também, em lugares privados como entre as paredes das casas. O casamento começa como negócios entre família, sem nenhum tipo de sentimento ou escolher sua futura esposa, isso no caso de casamentos de classes médias e altas que eram vistas pela sociedade e essa mulher deveria fazer o seu papel ideal, sendo mãe, esposa dedicada. O que era referendado tanto pela igreja como pela sociedade e a imprensa.

A Revista era Nova e suas perspectivas sobre o casamento moderno, destacavam como o casamento “bem sucedido”, era importante para a sociedade, como uma mulher “moderna” saberia conquistar este marido e conservar o seu casamento. A possibilidade de escolha do marido seria a grande conquista, deste momento, para as mulheres da elite, contudo as questões políticas e financeiras não seriam deixadas de lado por completo, “fazer um bom casamento” significava, entre outros fatores a manutenção de um status social, ou a ascensão social, desta forma a mulher tinha realizado um enlace social bem sucedido. A mulher, as “jovens casaduras” ainda, “sonhavam” com a cerimônia e a vida matrimonial, que ainda, implicava na realização dos aferes domésticos, dever da boa esposa. Notamos, portanto que este encantamento vivo nos anos 20 permanece nos dias atuais, assim

como o casamento, ainda se configura como uma possibilidade de conquista social e muitas meninas sonham em fazer um “bom” casamento.

Como falamos do casamento, em seus artigos veio mostrando e ensinando com modernidade, alguns assuntos que eram tratados em silêncio e medo. Que viviam em uma sociedade em que deveriam ser censurados pelo conservadorismo. Essa revista veio com intenção de trazer essa modernidade pela qual o mundo passava no momento.

Entre noivados, casamentos, conservadorismo, mudanças, espaço na sociedade, é de grande importância buscar sobre acontecimentos e histórias que se passaram tão próximas e o quanto foi prazeroso ver através desta Revista Era Nova as mudanças ocorridas no Brasil e na Paraíba do Norte, principalmente em relação ao papel da mulher na sociedade e ter deixado marcas e inspirações para nossa sociedade.

Dessa forma, consideramos que os anos 20, foi um período marcado por conquistas e expansão da liberdade feminina (apesar destas conquistas terem sido importantes à época, sabemos que, ainda, hoje temos muitas outras conquistas a serem alcançadas em relação aos direitos das mulheres) perante a sociedade e aos espaços públicos. Uma mudança forte para aquelas pessoas que viviam “presas” ao público conservador e tradicionalista da época. As mulheres conquistam novas posições na sociedade que não se restringiam à prestação de serviços domésticos. Com a chegada dos anos de 20, e o que podemos denominar como características da modernidade, passaram a percorrer o mundo e junto trouxeram uma forma de vida que poderia ser autônoma, apesar de não ser a ideal (nem para os anos 20 do século XX, nem em nossos dias atuais) a mulher ganhou novos espaços.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. ABRANTES, Alômia. “Dito e Maldito: o corpo escrito de Anayde Beiriz”. In: CITTADINO, Monique e GONÇALVES, Regina Célia. **Historiografia em diversidade: ensaios de história e Ensino de história**. Campina Grande-PB: Editora Universitária/ UFCG, 2008.(pp.207-226)

_____. **Imagens de si: inscrições de corpo e gênero nos retratos da “Era Nova”** (1920)
in:http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300686204_ARQUIVO_IMAGENSDESI.SNH2011.pdf (Acessado em 10/10/2018).

ALMEIDA, Elpidio de. Necessidade do exame pré-nupcial. **Revista Era Nova**. Ano 1. Nº 3. Paraíba, 1921

ANÍSIO, Pedro. População – Incremento Biológico. **Revista Era Nova**. Ano 1. Nº 8. Paraíba, 1921 .

GOLDENBERG, Mirían **A arte de pesquisar: como fazer pesquisar** 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUNA, Maria Estella Nunes de. **Moda e modo de ser (manuscrito)** Uma leitura do moderno através das capas da Revista Era Nova (PB, 1920). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**, da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERROT, Michelle. **Escrever a história das mulheres**. In: Minha história das mulheres. Tradução de Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi **Fontes históricas** /, (organizadora). — 2.ed., la reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

PITHON, Fabiana Teixeira. **A cerimônia de casamento como rito de passagem**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, 2010.

POESCHL, Gabrielle; SILVA, Bruno Pereira da; CARDOSO, Filipa Tenreiro. **Casamento, casamentos? Representações sociais do casamento heterossexual e do casamento homossexual**. *Aná. Psicológica*, Lisboa , v. 33, n. 1 , mar. 2015 .

PRIORE, Mary Del , **História das mulheres no Brasil** / Carla Bassanezi (coord.). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 1997.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard ,PHILIPPE & DUBY, GEORGES(orgs).. **“Uma história do segredo”**. In: Ariès, **História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo, Cia das Letras. 1992.

RÜDIGER, Francisco. “O amor no século XX Romantismo democrático versus intimismo terapêutico”. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 24, n. 2. 2012.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio et al . 'Relações entre Conjugalidade dos Pais, Conjugalidade dos Filhos e Bem-Estar Subjetivo'. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, Dec. 2015.